

Música e teatro no estágio e na formação de professores de educação infantil: a problematização enquanto metodologia de ensino e pesquisa

Comunicação

Teresa Mateiro

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: teresa.mateiro@udesc.br

Dayse Fagan Fonseca

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: daysetecladista@hotmail.com

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi desenvolver uma proposta pedagógico-musical, integrando as áreas de música e teatro, com professores de Educação Infantil, a fim de analisar como o uso da Metodologia da Problematização pode contribuir no processo de formação docente durante o estágio curricular supervisionado em música. Foram realizadas duas reuniões e 29 encontros durante os meses de abril a dezembro que foram registrados em áudio e vídeo. A interdisciplinaridade e a metodologia da problematização foram os desafios que estimularam a construção do conhecimento a partir da integração e da prática. Ambas abordagens se situam no campo pragmático e, assim, exigiram atitudes cooperativas, inovadoras e reflexivas.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, formação docente, metodologia da problematização

Introdução

O estágio curricular supervisionado é um componente curricular obrigatório e importantíssimo para a formação docente, pois é o ponto de partida da experiência de campo onde é possível praticar a arte de ensinar. Segundo Mateiro (2014, p. 17), o estágio “é considerado como um espaço que possibilita ao estudante, futuro professor, observar, analisar, atuar e refletir sobre as tarefas características de sua profissão”.

Entretanto, o estágio pode ter diferentes significados e sentidos para aqueles que estão envolvidos nesse processo formativo. Para os professores formadores, é o coração do curso, pois é a fase de preparação para o exercício da profissão, onde o estudante mobiliza conhecimentos, saberes, competências e habilidades adquiridas, vividas e experimentadas,

antes e durante a graduação. Para os estudantes em formação docente, esse período nem sempre é encarado com entusiasmo, uma vez que surgem dilemas, desafios e angústias.

Na expectativa por estagiários motivados, os professores formadores buscam alternativas pedagógicas que ultrapassem o uso exagerado das formas mais tradicionais de ensino – aulas expositivas, discussões e leituras – e que aproximem a formação acadêmica às realidades da prática profissional. O professor que sabe e transmite e o aluno que ouve e reproduz, assim como a integração entre teoria e prática e a redução da incidência do choque de realidade para graduados em início de carreira, são temas centrais nas discussões e propostas relativas aos problemas educacionais.

Apresentamos a Metodologia da Problematização como uma alternativa de estudo e pesquisa possível para ser utilizada durante o estágio curricular supervisionado, a fim de proporcionar ao licenciando um caminho capaz de orientar sua prática pedagógica de forma a desenvolver sua autonomia intelectual. Como todo o método, segue um conjunto de técnicas, procedimentos e atividades encadeadas a partir de um problema detectado na realidade (BERBEL, 1999, p. 8-10), trazendo consigo uma determinada concepção de educação. De acordo com a autora, essa metodologia “surge dentro de uma visão de educação libertadora, voltada para a transformação social, cuja crença é a de que os sujeitos precisam instruir-se e conscientizar-se de seu papel, de seus deveres e de seus direitos na sociedade” (p. 14).

Os princípios da pedagogia crítica fundamentam a Metodologia da Problematização estando, portanto, alinhados aos pensamentos de educadores como Freire, Saviani, Libâneo, Luckesi, entre outros (BERBEL, 1995). Ademais, muitos dos pressupostos de sua prática estão constituídos nos princípios das seguintes correntes filosóficas: a fenomenologia que considera a realidade como um fenômeno a ser desvelado; o existencialismo que dá ao sujeito liberdade para construir o seu próprio conhecimento; e, o marxismo com seu principal objetivo de transformar a realidade em uma sociedade mais justa (VASCONCELLOS, 1999, p. 56).

O Arco de Maguerez, composto por cinco etapas, é utilizado na Metodologia da Problematização. Observação da realidade ou Problematização é a primeira delas, que consiste em estudar problemas extraídos da realidade vivida. Buscar resposta para esses

problemas é a segunda etapa, denominada de Pontos-chave. Em seguida, a Teorização pressupõe mergulhar nas fontes de informação e conhecimento, a fim de rever a visão inicial decorrente do senso comum sobre os problemas identificados. É necessário chegar a conclusões abstraídas a partir da análise e discussão dos dados. Hipóteses de solução é a penúltima etapa. Consiste em elaborar e registrar hipóteses de solução para os problemas estudados, de modo que resultem em diferentes ações que possam transformar e “exercer uma diferença na realidade de onde se extraiu o problema” (BERBEL, 1999, p. 6), o que possibilitará, então, a realização da próxima etapa que é colocar em prática essas ações.

Com o propósito de conhecer melhor essa metodologia como um procedimento investigativo no campo dos estágios curriculares supervisionados, foi possível também adotá-la como um caminho para o ensino. Assim, o principal objetivo desta pesquisa foi desenvolver uma proposta pedagógico-musical, integrando as áreas de música e teatro, com professores de Educação Infantil, a fim de analisar como o uso da Metodologia da Problematização pode contribuir no processo de formação docente durante o estágio curricular supervisionado em música. A proposta pedagógico-musical foi relacionada com as etapas da Metodologia da Problematização e está apresentada no Quadro 1.

Quadro 1: Relação entre a Metodologia da Problematização e a Proposta Pedagógico-musical

Etapas da Metodologia da Problematização	Etapas da Proposta Pedagógico-musical
1 Problematização	Conhecer as particularidades do curso e os conhecimentos e experiências musicais já adquiridos pelos participantes
2 Pontos-chave	Identificar as causas que geraram o(s) problema(s) de estudo
3 Teorização	Escolher a forma do estudo e das fontes de informação
4 Hipóteses de solução	Planejamento e realização das aulas
5 Colocar em prática ações concretas	Realizar a apresentação do espetáculo e avaliar a inclusão do conduíte ¹ e da sonoplastia experienciados nas aulas

Fonte: Produção das autoras

¹ Tubo de plástico utilizado para passar fios elétricos nas paredes dos imóveis.

1. Observação da realidade

A Gerência de Formação Permanente da Secretaria Municipal de Educação oferece cursos de formação para os professores e um deles é voltado para a Educação Infantil. O grupo foi criado em 2010 e é formado por profissionais que atuam na educação infantil e que juntos constituem um grupo teatral. Durante o ano de 2016, quando foi realizada esta pesquisa, participaram do curso dois homens e doze mulheres, com idades entre 25 e 55 anos, totalizando 14 integrantes. O grupo trabalha com linguagem teatral e musical na Educação Infantil, além da montagem de espetáculos cênicos-musicais que são apresentados gratuitamente em Creches e Núcleos de Educação Infantil.

Os integrantes cantavam de forma intuitiva nas *performances* dos cursos de formação e desejavam ter um profissional da área de música para trabalhar a ampliação dos saberes musicais, individuais e coletivos, com o objetivo de apropriarem-se de conhecimentos teóricos, técnicas e habilidades musicais, envolvendo canto e instrumentos convencionais e não-convencionais. O curso foi reconhecido como campo de estágio, sendo um curso de extensão da universidade, e uma estagiária de música, também bolsista de iniciação científica, participou e desenvolveu diversas atividades durante dois semestres, integrando ensino, pesquisa e extensão.

O curso tinha quatro frentes de trabalho: (a) formação em Música, com aulas de duas horas e meia de duração nas quartas-feiras; (b) formação em Teatro, com aulas de uma hora e meia de duração aos sábados; (c) formação em Música e Teatro, com aulas de uma hora e meia aos sábados; e, (d) apresentações da *performance* do espetáculo cênico-musical Circo Normalóides, trabalho de 8 horas de duração às quintas-feiras. Foram realizadas duas reuniões e 29 encontros durante o período de abril a dezembro de 2016. As reuniões foram gravadas em áudio e os encontros foram filmados com objetivo de registrar as etapas da Metodologia da Problematização, sendo fundamentais tanto para a coleta e análise de dados quanto para tentar responder à questão deste estudo: Como a Metodologia da Problematização pode contribuir no processo de formação docente durante o estágio curricular supervisionado em música?

1.1 Problemas de estudo

Os problemas extraídos da realidade foram: (1) as vivências que os integrantes do grupo tiveram com música e a proposta de uma formação em música; e (2) um curso de formação que reverberasse tanto na atuação em sala de aula com crianças pequenas quanto na apresentação da *performance* do espetáculo. Como desenvolver um trabalho que possa proporcionar conhecimento e experiência para a atuação em sala de aula com crianças pequenas, além de incluir vivências e práticas musicais na *performance* do espetáculo cênico-musical realizada por esses professores e profissionais de Educação Infantil?

2. Pontos-chave

Esta é a segunda etapa da Metodologia da Problematização que estimula um momento de síntese caracterizado pela definição do que será estudado. Segundo Berbel (1999, p. 4) “é o momento de definir os aspectos que precisam ser conhecidos e melhor compreendidos a fim de se buscar uma resposta para esse problema”. Buscamos problematizar a realidade diante dos pontos levantados na primeira etapa passando agora a aprofundar as reflexões na busca de identificar o que gerou os problemas observados para, então, definir quais pontos precisam ser estudados.

Dessa forma, enumeramos os objetivos da formação em música – o que precisava ser abordado no curso de extensão; do trabalho interdisciplinar – particularidade do curso; do projeto de estágio e do planejamento das aulas – disciplina Estágio Curricular Supervisionado; do projeto de pesquisa - aplicabilidade de metodologia da problematização; e da relação que os integrantes do grupo tiveram com música – conhecer o contexto para melhor planejar o curso de formação docente.

A formação em Música deveria proporcionar atividades musicais práticas e teóricas começando pela atividade prática, passando pela atividade teórica e retornando para a atividade prática. Dois aspectos deveriam permear a prática: transposição didática do curso para o trabalho cotidiano na sala de aula e o diálogo entre a *performance* do espetáculo cênico-musical com as aulas do curso de Formação de Professores da Educação Infantil.

O trabalho interdisciplinar, envolvendo as áreas de Música e Teatro, deveria promover a parceria entre a estagiária de música e o professor de teatro, exigindo atitudes de troca, cooperação e comunicação. O projeto de estágio e o planejamento das aulas deveriam promover um diálogo entre ensino e pesquisa e, para isso, era necessário seguir as etapas da Metodologia da Problematização e realizar as tarefas da disciplina de estágio durante o curso de formação. As atividades relacionadas ao projeto de pesquisa incluíam o uso de tecnologias móveis para a coleta de dados, assim como o estudo permanente acerca da referida metodologia e a discussão em uma comunidade colaborativa com professores que atuam na educação básica, licenciandos de música, mestrandos de educação musical e artes.

A relação dos integrantes do grupo com música, no período escolar e universitário, nos foi revelada por meio de conversas informais durante os encontros. Nesses momentos foi possível identificar e compreender as razões que levaram os integrantes do grupo teatral a cantar de forma intuitiva durante as aulas dos cursos de formação, no trabalho com os pequenos em sala de aula, e nas apresentações das *performances* dos espetáculos nas unidades educativas.

Dentre os 14 participantes do curso dez não tiveram Música como disciplina obrigatória na educação básica ou mesmo no ensino superior, sendo que entre esses dez, dois deles tiveram contato com música em contextos de aprendizagem não-formal, como coral da igreja, fanfarra da escola, oficinas extracurriculares, coral da escola e cursos de formação continuada. Outros dois também tiveram contato com música fora do currículo escolar, porém cursaram Música como disciplina obrigatória no curso de graduação. Apenas um cursou disciplina obrigatória de Música no ensino médio, e um no curso superior.

3. Teorização: Música na Pedagogia e Interdisciplinaridade

Nesta etapa escolhe-se a forma de estudo e as fontes de informação. Assim, buscamos subsídios na literatura para poder refletir, por um lado, sobre o ensino de música para aqueles com formação em cursos de pedagogia e, por outro, sobre os princípios do trabalho interdisciplinar. Os professores que participaram do curso, em sua maioria, eram pedagogos, por isso, a importância de entender como a música vem sendo tratada nesses

espaços de formação. A interdisciplinaridade, por sua vez, foi um procedimento didático-metodológico adotado durante o curso sendo, assim, necessário estudar sobre seus princípios, possibilidades e limites.

O Curso de Pedagogia, de acordo com Bellochio (2014), é um espaço/tempo para a formação musical e pedagógico-musical de professores. Essa é uma das teses centrais da autora, além de defender também que essa mesma formação pode ser complementar e paralela à formação acadêmico-profissional ou, ainda, ser uma formação continuada e, preferencialmente, em serviço. Além disso, Bellochio, destaca “a necessidade de realização de trabalhos musicais na escola de forma compartilhada entre professores dos primeiros anos de escolarização com professores de música” (p. 57).

Oeterreich e Garbosa (2014) informam que o curso de Pedagogia da UFSM “constitui-se em referência no país no que tange à formação musical de professores unidocentes, cujo percurso histórico vem contribuir com as discussões e práticas formativas realizadas” (p. 90). A disciplina Música foi inserida no currículo em 1984 e, desde então, atividades voltadas à formação musical e pedagógico-musical vem sendo desenvolvidas, tanto em sala de aula como em projetos paralelos oferecidos pelo Laboratório de Educação Musical do Centro de Educação – LEM/CE. Sabemos que nem todos os cursos de Pedagogia oferecem a disciplina de Música e a realidade da UFSM é ímpar nesse sentido.

Como exemplo, entres 14 participantes deste estudo, apenas duas professoras tiveram música no curso de graduação e, coincidentemente, foi no curso de Pedagogia oferecido pela UFSM. Um terceiro professor teve uma disciplina chamada Rítmica no curso de Educação Física que, apesar da intrínseca relação com a música, não é uma disciplina voltada para a formação musical e para o ensino de música. O estudo sobre a música nos cursos de Pedagogia será aprofundado tendo como principal referência Bellochio e Garbosa (2014).

O trabalho coletivo, a integração, o diálogo, o debate e as inquietações estiveram presentes no curso de formação de professores de educação infantil. Desenvolver atividades de música e teatro, simultaneamente, com dois profissionais e um grupo exigiu conviver com o diferente, (des)construir, abrir-se à crítica, sair das zonas de conforto. A interdisciplinaridade, para França (2016, p. 89), “é território do inusitado e não da segurança.

Pressupõe uma atitude desarmada e atenção às oportunidades que se apresentem na interatividade da sala de aula.”

Para Fazenda (2011), interdisciplinaridade é uma questão de atitude que envolve abertura não-preconceituosa, em que todo o conhecimento é igualmente importante, opinião crítica, intersubjetividade, comprometimento pessoal, sensibilidade, interação, comunicação e diálogo. Tal atitude, de acordo com Chaves e Amorim (2009, p. 319), “decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas, decorre também da supressão do monólogo e da instauração de uma prática dialógica; do desestabilizar de certezas e do respeito a si e ao outro, às suas verdades e às do outro”. Foi dessa forma, com experiências reais de trabalho em equipe que o desejo de se trabalhar interdisciplinarmente com música e teatro foi acontecendo.

4. Hipóteses de solução

Ações diferentes devem ser elaboradas nesta etapa para que se possa realizar alguma mudança na realidade estudada. Berbel (1999) define como sendo uma etapa bastante criativa. “Se os procedimentos comuns, se os padrões já conhecidos permitem a existência do problema, é preciso pensar e agir de modo inovador, para provocar a sua superação (ou solução)” (BERBEL, 1995, p. 15). Com base no estudo realizado, podemos pensar em algumas hipóteses para nos auxiliarem a resolver os problemas apresentados. Uma delas foi pensar em um planejamento adequado às necessidades de aprendizagem musical do grupo.

A estagiária contou com todas as fontes de informação, conhecimento, experiências e diálogos entre os pares buscando atender os anseios grupo de professores e as particularidades do curso de extensão. Ademais obteve informações acerca das experiências e conhecimentos musicais dos participantes. Com isso pode elaborar o projeto de estágio e, conseqüentemente, os planos para cada um dos encontros. Desse modo, apresentamos as seguintes hipóteses de solução:

- a) Aprofundar as experiências musicais dos participantes do curso por meio da expressão vocal, instrumental e corporal, de forma lúdica e criativa.

- b) Realizar jogos rítmicos e melódicos, experimentação e problematização de atividades musicais que envolvam composição, teoria percepção e análise musical, percussão corporal, e instrumentos convencionais e não-convencionais construídos a partir de objetos e materiais recicláveis.
- c) Usar tecnologias e dispositivos móveis para o desenvolvimento das atividades e para o registro dos dados com fins investigativos.

5. Aplicação à realidade

O fio condutor que permeou todo o projeto de estágio consistia em proporcionar um aprofundamento das atividades e conteúdos musicais desenvolvidos ao longo das aulas. Essas atividades e conteúdos estavam interligados exigindo dos integrantes uma evolução gradativa durante o curso, pois o grau de dificuldade para dominar as técnicas e habilidades musicais ao longo das aulas eram cada vez maiores. O planejamento teve como ponto inicial a familiaridade que esses participantes tinham com contação de histórias.

Assistiram vídeos que eram exemplos concretos dos conceitos de *Diégesis* e *Mickey-mousing*, conceitos utilizados na criação de sonoplastias e trilhas sonoras na área de Cinema (GORBMAN, 1987; RUTHMANN, 2013) e depois criaram uma paisagem sonora (SCHAFER, 1991) e sonoplastias para vídeos disponibilizados no *Youtube* por meio da exploração de objetos e instrumentos não-convencionais. Os passos seguintes foram:

- a) Assistiram a filmagem da cena Coral dos Bichos criada por esse mesmo grupo teatral no ano de 2015, analisaram a mensagem que a filmagem passava para os espectadores através do diálogo existente entre a imagem e o áudio para então realizar o mapeamento da sonoplastia. Perceberam uma descontinuidade de cena durante a apreciação.
- b) Exploraram objetos e instrumentos não-convencionais, percussão-corporal, para experimentarem e conhecerem as diferentes sonoridades imaginadas durante o mapeamento da sonoplastia.
- c) De forma consciente e embasados nos conceitos de *Diégesis* e *Mickey-mousing* fizeram suas escolhas sonoras que resultaram na sonoplastia realizada em sincronia com o vídeo.

Assim os compositores, no caso os participantes do curso, controlaram os resultados de suas composições. Segundo Batista e Freire (2006, p. 745), “A prática da composição musical no contexto multimídia depende da compreensão de um universo teórico mais abrangente que o tradicional estudo de harmonia, contraponto, técnicas seriais, técnicas de orquestração, etc”.

Até esse momento estavam presentes nessas atividades a criação livre e espontânea de paisagem sonora que partiu dos conhecimentos e experiências musicais que os participantes já tinham sobre música. Em um segundo momento, a criação livre e espontânea passou para a composição de sonoplastia embasada nos conhecimentos teóricos abordados, percepções, análises e reflexões realizadas. O mapeamento do vídeo que definia os momentos das cenas que a sonorização seria realizada era totalmente livre. Por não existir nenhuma regra, a sonorização poderia ocorrer a qualquer momento nas cenas escolhidas pelos participantes. As sonoplastias resultaram da criatividade e escolhas conscientes dos mesmos, não mais intuitivamente.

As atividades seguintes exigiram um pouco mais, pois apesar do uso do conduíte requerer apenas como habilidade musical girá-lo nos momentos específicos da música, implicou na análise de possibilidades. Primeiro, assistiram a filmagem da apresentação da *performance* do espetáculo e observaram todos os detalhes para compreender o que acontecia no momento de girar o conduíte. Segundo, buscaram soluções para o problema que surgiu no momento em que a execução do conduíte foi realizada. Como girar o conduíte e evitar que ele machucasse as pessoas?

Apenas duas pessoas, Bianca e Fernando, giram o conduíte porque estavam nas “pontas”, deixando livre a Helena que fica muito próxima da fila que entra depois, e é bem provável que ela possa acertar alguém ao girar o conduíte! Nesse momento, a Rafaela fica fazendo uma coreografia diferente dos demais por ser palhaça e, por isso, o Fernando é o mais indicado para girar o conduíte, por ter uma estatura maior, o que trará mais segurança diminuindo a possibilidade de machucar alguém. Essa foi a solução encontrada pelo grupo.

Em seguida, foi necessário visitar conceitos teóricos de música de forma gradativa. Primeiramente, foi exposta a figura 1 para facilitar a compreensão dos momentos corretos

que os conduítes deveriam soar, no caso onde estão os retângulos. Posteriormente, foram apresentadas a cifra americana e notas da série harmônica no pentagrama na tonalidade de dó e depois ré maior (transposição para um tom acima, pois a música era cantada no tom de RéM, mas a familiaridade com o nome das notas em DóM eles já conheciam). Um passo a passo associando as notas musicais às sete primeiras letras do alfabeto foi realizado na tentativa de facilitar a compreensão da cifra americana. Cores iguais para notas com o mesmo nome nas claves de Fá e de Sol foram utilizadas para facilitar a compreensão da posição dessas notas graves e agudas em oitavas diferentes. Essas estratégias facilitaram a compreensão sobre quais notas soavam o conduíte afinado em Ré Maior, e conseqüentemente, porquê eles não deveriam ser executados nos momentos da música onde a harmonia era diferente, pois as notas da série harmônica de Ré não seriam bem-vindas ao se chocarem com os outros acordes, no caso Mim e LáM.

FIGURA 1 – *Slide* apresentado na aula do curso

Primeira proposta do uso dos conduítes: apenas nos acordes de D e Bm

Chegou, chegou, tá na hora da alegria!

Chegou, chegou, tá na hora da alegria!

O circo tem palhaço tem, tem todo dia!

O circo tem palhaço tem, tem todo dia!

Fonte: Produção das autoras

Outras atividades complementares foram: conhecer e experimentar o uso de aplicativo para celulares disponibilizados gratuitamente semelhante ao afinador digital utilizado para afinar violão. O conduíte era afinado de acordo com o seu tamanho. Bastava cortá-lo e visualizar no aplicativo as notas para saber em que tom ele estava soando. Para isso era necessário conhecer as cifras americanas; e, aprender como encontrar letras de músicas cifradas no site *Cifraclub* para que pudessem realizar atividades nas salas de aulas utilizando conduíte, por exemplo.

Após experimentar, criar, executar, analisar e refletir sobre a inclusão da sonoplastia e do uso do conduíte durante as aulas, colocamos em prática no dia da apresentação da

performance na estreia do espetáculo essas novas ideias. O uso do *conduíte*, as diversas possibilidades de criação na sonoplastia, incluindo algumas técnicas utilizadas por sonoplastas, a teoria musical que deu suporte a essas atividades, o uso de aplicativos gratuitos para celular, indicação de sites como *Cifraclub*, são alguns exemplos do que a apropriação do conhecimento, experimentações e práticas musicais poderiam proporcionar, em um curto período de tempo, buscando ampliar de forma lúdica e criativa a expressão corporal, vocal e instrumental do grupo teatral, além de compreender, analisar, discutir e refletir sobre o que, como, quando e por que realizar prática vocal e instrumental na *performance* e no trabalho em sala de aula.

Diante da última etapa da Metodologia da Problematização presente em todo processo de ensino-aprendizagem ao longo das aulas, após colocar em prática as ações concretas que poderiam transformar de algum modo a realidade inicial de onde foram extraídos os problemas, o grupo decidiu diante dos diálogos, reflexões e resultados alcançados, por não utilizar o *conduíte*, ainda que o problema referente a sua execução de forma segura gerado nas problematizações tenha sido solucionado, e sim, incorporar, definitivamente, ao espetáculo a execução da sonoplastia na cena Coral dos Bichos.

Considerações finais

O Curso de Formação de Professores de Educação Infantil foi o campo escolhido para desenvolver e refletir sobre diversas temáticas. A primeira versa sobre o estágio curricular supervisionado como um lugar de construção e reflexão das práticas docentes. Foi importante para a formação da licencianda desenvolver o estágio com esses profissionais e professores, pois é uma grande responsabilidade trabalhar com formação docente. Esse foi o primeiro estágio realizado com esse grupo. Foi fundamental a busca por diversas fontes de conhecimento, informações técnico-científicas, diálogos e reflexões constantes da estagiária com colegas e professores para encontrar alternativas pedagógico-musicais e proporcionar uma formação significativa para os participantes do curso.

A interdisciplinaridade permeou todo o trabalho realizado ao longo do ano. Música e Teatro no curso de formação de professores foi a interface que se estabeleceu entre essas

duas áreas de conhecimento. A interdisciplinaridade na transposição didática dos professores: durante todas as aulas diálogos, questionamentos e reflexões estiveram presentes apontando pontos positivos e negativos de cada escolha entre tantas possibilidades para que os participantes desenvolvessem autonomia, pensamento crítico e se sentissem seguros sobre o que, como, quando e por que fazer.

O interdisciplinar esteve presente também nas apresentações do espetáculo cênico-musical que resultou em uma *performance* envolvendo canto e dança com a parte instrumental acompanhada por *playback* e percussão corporal, intercaladas com as cenas do espetáculo e a sonoplastia realizada ao vivo sincronizada com a cena. Cerca de 2.500 crianças e 300 adultos foram contemplados com a apresentação da *performance* do espetáculo cênico-musical.

A Metodologia da Problematização é uma alternativa que está sendo estudada por nós como uma possível contribuição para a área de educação musical. É uma abordagem que reflete sobre a realidade, ou seja, sobre uma situação concreta, conduzindo o estudante a tornar-se comprometido a intervir para modificar essa realidade. A estagiária neste estudo demonstrou autonomia para identificar os problemas e buscar possíveis alternativas de solução. Para isso, teve iniciativas próprias tanto para estudar quanto para atuar em campo.

Diante disso, é possível a proposição de duas ações concretas que se contrapõem à educação bancária: incluir disciplinas relacionadas com a metodologia da problematização na grade do curso de Licenciatura em Música como forma de preparação para o estágio e compartilhar esse método com outros cursos, como por exemplo a pedagogia, pois, são esses profissionais que irão atuar na disseminação de vivências e conhecimento que podem transformar verdadeiramente a realidade do mundo profissional.

Referências

BAPTISTA, André; FREIRE, Sérgio. *As funções da música no cinema segundo Gorbman, Wingstedt e Cook: novos elementos para a composição musical aplicada*. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas (Org.). *A Metodologia da Problematização e os Ensinos de Paulo Freire: uma relação mais que perfeita*. In: _____. *Metodologia da*

Problematização: Fundamentos e Aplicações. Londrina: UEL, 1999, p. 1-28.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 16. n. 2., Ed. Especial, p.9-19, out. 1995.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas (Orgs.). *Educação Musical e Pedagogia. Pesquisas, escutas e ações*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Educação básica, professores unidocentes e música: pensamentos em tríade. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas (orgs.). *Educação Musical e Pedagogia*. Pesquisas, escutas e ações. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p.47-68.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. 6ª edição ____ de 2011. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1979.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. A interdisciplinaridade da vida e a multidimensionalidade da música. *Música na educação básica*, v. 7, n 7/8, 2016, p. 86-95.

GORBMAN, Claudia. *Unheard Melodies: Narrative Film Music*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

MATEIRO, Teresa. A prática de ensino na formação dos professores de música: aspectos da legislação brasileira. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Orgs). *Práticas de Ensinar Música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014. p. 15-29.

OESTERREICH, Frankiele; GARBOSA, Muciane Wilke Freitas. A história da disciplina de música no curso de Pedagogia da UFSM (1984-2998). In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas (orgs.). *Educação Musical e Pedagogia*. Pesquisas, escutas e ações. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p.89-116

RUTHMANN, S. Alex. Exploring new media musically and creatively. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively: Learning to teach in the primary school series*. London: Routledge, 2013, p. 85-97.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita. Aspectos Pedagógicos e Filosóficos da Metodologia da Problematização. In: BERBEL, Neusi Aparecida Navas (Org.). *Metodologia da Problematização: Fundamentos e Aplicações*. Londrina: UEL, 1999, p. 29-59.